

A Normose Informacional no ciberespaço: reflexos do excesso de informação obtido por jornalistas na web¹

Carla Cardoso Silva ²

Carlos Henrique Medeiros de Souza ³

Evandro Paulo Bolsoni⁴

Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

Resumo

Este artigo tem por proposta identificar e debater os reflexos da sobrecarga de informação (conceito de normose informacional proposto por Pierre Weil) em jornalistas que utilizam a Internet como ferramenta para desenvolver o trabalho, seja como fonte de pesquisa, para se manter atualizado, quanto para obter o resultado final do produto que chega às bancas. Neste trabalho, apresentamos um breve estudo de caso sobre o centenário jornal Monitor Campista, terceiro mais antigo do país, quinto neste patamar, na América Latina, localizado em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro.

Palavras-chave

Normose informacional; ciberespaço; informação; jornalistas; Monitor Campista.

Corpo do artigo

Com o advento das Novas Tecnologias e o domínio da Internet em grande escala, comunicação e informação podem ser obtidas a qualquer momento, em qualquer parte do mundo e por qualquer pessoa. No ritmo acelerado em que se vive na sociedade atual, é preciso se manter informado e acompanhar as transformações constantes, não só as tecnológicas, mas as que ocorrem em diversos setores da sociedade, o que faz com que seja necessária uma busca incansável pela informação. E o ciberespaço é o local onde é possível obtê-la instantaneamente.

A Grande Rede serve de base de suporte para incontáveis sites, comunidades virtuais, blogs e microblogs que surgem a cada dia e que são acompanhados avidamente por pessoas

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jornalismo e novas formas de produção da informação”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Mestranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) carlacardos@gmail.com

³ Doutor em Comunicação (UFRJ), coordenador do mestrado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) - chmsouza@uenf.br

⁴ Mestrando em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) - evandrobolsoni@gmail.com.

em busca dessas informações. Em pesquisa feita pelo IBOPE-Netratings, em junho de 2005, eram 18,3 milhões de usuários residenciais de Internet. No mesmo mês, em 2008, esse número saltou para 35,5 milhões. Atualmente o quantitativo é muito maior.

As possibilidades oferecidas pela Internet mostram que esta não é apenas uma ferramenta, mas sim, como profetizou Marshall McLuhan, extensão de nossos sentidos. Há quase 40 anos, o pesquisador formulou o conceito de aldeia global, enfatizando o progresso tecnológico que levaria todo o planeta a viver como uma aldeia, com a rapidez com que os meios de comunicação desenvolviam novas tecnologias.

Com o surgimento da web, a abordagem de McLuhan (1964) se confirmou e novos espaços foram criados para o pensamento, busca de conhecimento e comunicação e potencializou-se como fonte de informações.

O meio é a mensagem porque é o meio o que modela e controla a escala e forma das associações e trabalho humanos. Os conteúdos ou usos destes meios são tão variados como incapazes de modelar as formas de associação humana. (...) o 'conteúdo' de todo meio é outro meio. O conteúdo da escritura é o discurso, do mesmo modo que o conteúdo da imprensa é a palavra escrita (...). (MCLUHAN, 1964, p.30).

A imprensa foi um dos setores também atingidos por esta revolução tecnológica. Já se foi o tempo em que se levava um dia inteiro para apurar uma matéria, datilografá-la numa boa Remington e na companhia do inseparável cigarro, para que o “furo” de reportagem fosse publicado em edição matutina do jornal. Isso agora não passa de cena romântica dos típicos filmes de época. As máquinas datilográficas deram lugar aos potentes computadores, notebooks e demais aparatos tecnológicos.

Produzir cada vez mais, em tempo real, ou com maior profundidade para que a notícia chegue à população, é a função do jornalista que busca apoio na tecnologia – e até mesmo torna-se escravo desta – para manter essa agilidade e rapidez na produção da notícia, em um tempo onde o novo fica velho rápido demais e as “invenções” tecnológicas são superadas por outras mais potentes a cada dia. Como afirma Souza (2003) “(...) o novo de hoje é o avançado do ontem e o ultrapassado do amanhã”. Temos, tanto emissores, quanto receptores das mensagens, que nos adaptamos a essas questões. “O tempo de apreensão gerado pelas técnicas eletrônicas repercute inevitavelmente na visão do mundo de cada um de nós, elabora modelos peculiares, estipula exigências novas para o fazer artístico”, (PORTELLA, 1973, p.94)

O horário de fechamento e a pressão em se fazer uma reportagem aprofundada e comprometida com o fato real caminham lado a lado com a facilidade em se obter informações em uma rápida pesquisa, e se manter sempre atualizado. No entanto, essa pressão sofrida pelos profissionais de imprensa que atuam nas redações traz conseqüências.

Bernardo Kucinski (2005) diz que a Internet é a mais importante derivação das novas tecnologias que fazem parte do campo de atuação da comunicação. O pesquisador identifica quatro principais funções exercidas pela rede mundial (world wide web):

(...) a de transmissão de dados, ampliando o leque de instrumentos de meios e transmissão que compreende também o telefone, o telégrafo e o fax; a de mídia, a mais nova depois da invenção da TV nos anos 1950; a de ferramenta de trabalho, que permite acessar bancos de dados, fazer entrevistas, ler jornais e publicações de todo o mundo e trabalhar com base nesse material; a de memória de toda produção intelectual, artística e científica, na forma de arquivos digitalizados, acessíveis de qualquer parte do mundo, (KUCINSKI, 2005, p.73).

Para tratar essa revolução tecnológica nos meios de comunicação e sua influência e existência no ciberespaço, ressaltamos uma análise nas reflexões de Pierre Lévy e Manuel Castels que estudam as fusões dos meios e surgimento do ciberespaço. O processo informacional torna-se dinâmico e veloz, gerando na sociedade novos modelos de se comportar, novas maneiras de interagir. Porém, como ressalta Lévy (1999), esta revolução não é estática e a sociedade estará sempre na iminência de novas tecnologias, de transformações ainda mais promissoras, e em frente ao sempre crescente número de informações.

Facilidades e domínio do ciberespaço

Os processos comunicacionais humanos e a utilização de computadores e Internet são como dois lados da mesma moeda. Um complementa e valida o outro. Enquanto se lê uma notícia em algum site, outras milhares são oferecidas ao leitor-internauta, ao mesmo tempo, colocando à disposição destes, inúmeras fontes. Saber reter o que é útil e armazenar essas informações relevantes faz parte de um processo cansativo intelectualmente, já que há uma ansiedade por se informar cada vez mais na chamada sociedade de informação ou sociedade da comunicação.

Segundo Pierre Lévy (1999), as tecnologias não determinam, mas condicionam essas mudanças no ambiente, à medida que criam as condições para que elas ocorram. A desterritorialização do texto, da informação, é uma das principais características do

ciberespaço, conforme aponta o pesquisador francês. A quem pesquisa e utiliza esse produto para informar com mais precisão em outro meio midiático, como acontece no jornal impresso, que se utiliza de informações obtidas na Rede para tal resultado, o ato de utilizar esses dispositivos hipertextuais traz a sensação de uma pesquisa muito mais ampla e completa, devido à facilidade e mobilidade no tempo e espaço do texto.

Esses dispositivos hipertextuais, ou apenas hipertexto, tratam-se de um texto em formato digital, ao qual se agregam outros textos, outras informações referentes ao assunto lido, também na forma de imagens ou sons, cujo acesso se possibilita por meio de referências específicas, os hiperlinks, ou simplesmente links, que complementam o texto principal.

Os dispositivos hipertextuais nas redes digitais desterritorializaram o texto. Fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não há mais um texto, discernível e individualizável, mas apenas texto, assim como não há uma água e uma areia, mas apenas água e areia. (...) Perdendo sua afinidade com as idéias imutáveis que supostamente dominariam o mundo sensível, o texto torna-se análogo ao universo de processos ao qual se mistura (LÉVY, 1996, p.48).

Para Manuel Castels, o que caracteriza essa chamada “revolução tecnológica” não seria a:

(...) centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos (...). As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos, (CASTELS, 1999, pp. 50-51).

Quanto à utilização do produto informacional da Rede pelos jornalistas, Kucinski mais uma vez contribui para esta análise.

A www como meio de transmissão é também um novo tipo de agência de notícias. Como tal, rompe a verticalidade e a concentração das agências tradicionais e alimenta não apenas jornais a partir de escritórios centrais, mas liga também ONGs, produtores intelectuais independentes e movimentos políticos e sociais, (2005, pp.73-74).

O pesquisador ressalta ainda que com na Internet é possível pesquisar

(...) por cronologia, por tema, por nome, por área de conhecimento com uma facilidade nunca antes obtida por nenhum outro sistema de pesquisa. Esse modo de pesquisar textos, publicações, relatórios e bancos de dados tende a se tornar dominante, já que todos os documentos e publicações, de alguns anos para cá, são automaticamente colocados na www (...). Está se formando no mundo uma gigantesca biblioteca virtual, (idem, p.74).

Kucinski coloca em questão, também, a freqüente atualização de sites, informando que “(...) a facilidade de atualização contínua torna os bancos de dados virtuais especialmente

apropriados para manter acervos cujos conteúdos mudam com muita frequência, como são os acórdãos da Justiça e as leis em geral”, (idem, p.75).

A normose informacional: informatose

Pierre Weil é um dos pesquisadores que detectaram fenômenos sobre as causas do bombardeio de informações nas pessoas. Segundo Weil (2000), o termo normose – criado por Jean Yves Leloup, é o resultado de um conjunto de crenças, opiniões, atitudes e comportamentos considerados normais, mas que apresentam conseqüências patológicas. Ele define que a normose informacional se apresenta sob duas formas: a informatose e a cibernose.

As normoses informacionais podem ser desencadeadas pelas facilidades e hábitos impostos pelas novas tecnologias de informação, apesar destas mesmas facilidades trazerem benefícios neste constante fluxo de informações. Como reflete Souza (2003),

(...) vivemos hoje em uma sociedade com uma cultura mediática/mediatizante, onde as mídias desempenham a função de formadoras de opiniões, alteram hábitos e costumes, influenciam nas mais distintas áreas sejam do conhecimento, da economia, do entretenimento, etc.

Lévy (1999) também opina sobre os impactos de reflexos comportamentais no ciberespaço.

Devemos em contrapartida, evitar o surgimento de novas dependências provocadas pelo consumo de informações ou de serviços de comunicação concebidos e produzidos em ótica puramente comercial ou imperial e que tem efeito, muitas vezes, de desqualificar os saberes e as competências tradicionais dos grupos sociais e das regiões desfavorecidas.

Destacamos neste trabalho a informatose, distúrbios ou até mesmo doenças causadas pelo excesso de fluxo de mensagens informacionais.

Weil (2000) afirma que :

(...) trabalhos recentes sobre a existência da informação como fenômeno cultural por si só nos parecem configurar a existência de um consenso em torno da normalidade do uso da informática. Só o uso da Internet, tomado como exemplo, acusa uma curva assintótica de crescimento atingindo uma dezena de milhões de internautas.

A velocidade e o dinamismo das informações no ciberespaço trazem imediatismo nesses acessos em ambientes interativos e onde há partilha e trocas no âmbito comunicacional. Buscar e apreender tantas informações, como são impostas pela sociedade,

causa prejuízos à capacidade mnemônica e, conseqüentemente, à consolidação do aprendizado. Portanto, conforme opina pesquisadora Brum (2007), a melhor maneira de lidar com este fato é “(...) conscientizando-se dos perigos que o uso excessivo da informática acarretam, conseqüentemente as pessoas terão que se organizar para preservar sua saúde mental e física”.

Moraes (2006) também aponta esses desequilíbrios causados pela velocidade informacional nos meios tecnológicos.

A agência Reuters atualiza o noticiário 23 mil vezes por segundo nos horários de pico (...). Os spots publicitários estão sendo encurtados ao máximo, porque telespectadores impacientes não suportam esperar 30 segundos, assediados que estão por outras mídias.

Moraes cita ainda o diagnóstico traçado por Milton Santos para reforçar sua tese:

O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a idéia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história, [Milton Santos. O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002, p.162].

Weil (2000) exemplifica que, no caso dos internautas, muitos se encontram “constantemente na situação de depararem com milhares de indicações, referências e informações diversas a respeito de cada assunto que estão pesquisando. Eles ficam com a constante ilusão de que podem tudo conhecer”. O pesquisador acrescenta ainda que

(...) a realidade é que todos nós fomos tomados de surpresa por este “choque ao futuro”, e ninguém nos preparou para evitar estes excessos. Creio que à medida da tomada de consciência dos perigos do uso excessivo da informática, as pessoas mais avisadas terão de se organizar para preservar a sua saúde mental e física.

A normose, neste caso, propicia-se, não devido às tecnologias, mas sim ao uso que os seres humanos, o “homo technologicus” (termo utilizado por Portella, 1973, p.94) fazem dela, neste caso em específico, da Internet.

O uso da Internet no Monitor Campista

A informação é um produto da mídia que ajudou a criar a cultura informacional, onde é necessário saber cada vez mais e consumir muita informação para não se tornar obsoleto e

até mesmo para não perder o seu lugar no mercado de trabalho. É nesse ambiente que se insere o profissional da informação, quem abastece a indústria midiática com as notícias que serão consumidas. Em especial o jornalista, que precisa se informar cada vez mais rápido para informar com mais precisão a receptores que buscam essas mensagens.

Para exemplificar esse caso, inserimos o Jornal Monitor Campista, órgão que faz parte do grupo Diários Associados e é o terceiro mais antigo em funcionamento no Brasil, com 175 anos de atuação. Muitos foram os meios de produção utilizados na redação do referido jornal, primeiro a ter uma redação com energia elétrica no país. Com tantos anos de atuação, o órgão “presenciou” o desenvolvimento de diversos meios tecnológicos e que divulgou, servindo como fonte de registro, muitos fatos históricos do país.

O jornal possui de 20 a 25 páginas, nas edições de terça a sábado, e 22 nas publicações de domingo e circula em 15 cidades no Norte-Noroeste Fluminense e Região Lagos, no Rio de Janeiro. Também mantém sua edição online diariamente através do site (www.monitorcampista.com.br) que não traz notícias em tempo real, mas apenas publica online, o que os leitores encontram nas bancas.

O Monitor Campista é totalmente produzido com o auxílio da Internet. A começar por sua impressão, que acontece no parque gráfico do Jornal do Comércio (empresa que também dirige o Monitor), no Rio de Janeiro. As páginas do jornal são enviadas via correio eletrônico para o Jornal do Comércio. Os editores e repórteres devem respeitar um *dead line* estabelecido devido à distância das duas redações. Todo o jornal deve ser enviado, diariamente, até às 20h, o que, segundo a equipe, é prejudicial. Qualquer fato que aconteça após às 19h30, por exemplo, mesmo que seja de extrema importância, não pode ser publicado. Isso faz com que haja uma concorrência desleal com os outros veículos impressos diários da cidade. Aqueles que possuem suas próprias rotativas podem publicar as matérias e fazer a diferença, nas bancas. Essa questão faz com que a equipe se desgaste e se estresse ainda mais, já que precisa correr contra o tempo e apurar as informações o mais breve possível. Após a impressão, no Rio, os exemplares são enviados para Campos em um veículo coletivo que parte da rodoviária do Rio para Campos às 22h.

Como não há expediente aos sábados nem aos domingos, por uma questão logística, há funcionalidade apenas de segunda a sexta-feira. A equipe conta com cinco editores (sendo que o responsável pela parte de Esportes, atua como editor e repórter), uma pauteira, dois fotógrafos, dois designers, oito repórteres (cinco de assuntos gerais e dois de Segundo Caderno), um revisor e dois diagramadores. A utilização da Internet e das agências de notícias

é extremamente necessário para a produção diária. É necessária a produção de 30 a 35 matérias por dia para preencher as páginas. No entanto, são produzidas pelos repórteres cerca de 16 a 18 matérias diárias. O restante é complementado com a utilização de agências de notícias e releases. Os editores também são obrigados a atuarem como repórteres e apurarem matérias para complementarem a produção. O jornal conta ainda com colunas sociais e articulistas, que ocupam outras lacunas das páginas. Essa “dupla atuação” faz com que a utilização da web seja fundamental. O editor precisa estar na redação editando as páginas e, ao mesmo tempo, se manter sempre informado dos últimos acontecimentos.

O horário de fechamento é um dos motivos de maior estresse na redação do Monitor. O editor geral Cilênio Tavares diz⁵ que há uma forte pressão para que todo o jornal esteja fechado no tempo determinado e com a melhor qualidade possível de informações:

Temos pouco tempo para fazer e editar as matérias e precisamos obter a qualidade da informação. Até mandarmos a capa, última página enviada para as rotativas no Rio, passamos por um grande estresse também preocupados em tomarmos furos de outros veículos que são impressos na cidade. Se o jornal tivesse um parque gráfico seria menos estressante.

A utilização da Grande Rede é fundamental para a complementação das matérias e pesquisas. O mesmo entrevistado afirma ainda que:

Temos páginas como as da editoria de Mundo e Televisão que são basicamente montadas com o material das agências de notícias que disponibilizam seu material na Internet. É preciso buscar o máximo de informação possível para complementar as notícias, as matérias, que são publicadas ‘velhas’. Quando o jornal vai para as bancas, o leitor já sabe daquela notícia, pois já viu na Internet, na TV, ouviu no rádio... O diferencial do impresso é oferecer algo mais completo, bem feito, para ser atraente ao leitor. E isso exige tempo, que é o que menos temos numa redação.

Quando há quedas de energia na redação, o estresse é ainda maior, pois há o risco do atraso e da impossibilidade de enviar o produto final para as rotativas no Rio. “Temos que correr contra o tempo mesmo, para que nosso produto não fique aquém dos concorrentes e para que o leitor encontre variedade e veracidade nas bancas”, diz Cileno Tavares, já citado, ressaltando que o jornal nunca deixou de ser enviado online para a impressão. “Mas já passamos muitos sufocos com quedas de energia e tivemos muitos atrasos. Isso foi muito desgastante”, finaliza o entrevistado.

Kucinski (2005) fala sobre a fragmentação da informação – identificada pela velocidade postada – característica do processo de produção da notícia no jornalismo online, material este disponível em sites de notícias, blogs e agências, e aproveitado por redações

⁵ Em entrevista concedida à autora em 12.06.09

jornalísticas como a do Monitor Campista. O pesquisador aponta outra questão interessante: o fato de este material produzido online ter como primazia a velocidade da informação, ao invés de outras questões como, precisão, contextualização e interpretação.

O material produzido online, segundo Kucinski, pode ser também, em muitos casos, utilizado como pauta, e não apenas como produto final. Mas isso quase não acontece no Monitor, que é um jornal de pequeno porte, que conta com poucos jornalistas em seu quadro.

Desta forma, transportou-se para o fazer jornalístico o ritmo frenético da cobertura continuada online. O repórter, mesmo se já está em campo, recebe por intermédio de seu celular novas ordens de trabalho, inspiradas em fatos que seu chefe acabou de ler no jornalismo online das telas da Internet, (KUCINSKI, 2005, p.98).

A editora do Mais Cultura, Segundo Caderno do Monitor Campista, Patrícia Bueno, diz⁶ que vê com ressalvas a utilização da Internet na produção final de um texto para a página diária.

Acredito que não temos como deixar de utilizar a Internet, pois é uma fonte rica de informações, mas o meu receio é utilizar algo que não tenha veracidade, e cometer um erro grande ao publicar isso. Procuro ter muito cuidado quando edito ou digito uma matéria.

Patrícia Bueno ressalta que a questão dos direitos autorais de imagens, principalmente, é fonte de preocupação. A profissional admite: “O ideal seria que tivéssemos sempre nossas próprias imagens, mas isso não é possível. E a Internet nos oferece uma vastidão. Mas é preocupante a necessidade de utilizarmos até mesmo quando não sabemos quem é o autor”, explica a editora que também mantém um blog e que fica conectada à internet durante todo o período de trabalho.

É necessário, por causa do meu trabalho. Às vezes me sinto muito cansada, mas não posso agir de outra forma. A equipe pequena faz com que haja sobrecarga de trabalho e o ciberespaço oferece essas alternativas, mesmo que às vezes eu o utilize em excesso. E admito que isso acontece, porque é preciso saber filtrar as informações realmente úteis. Mas recebemos tantas, que fica até complicado fazer isso. Quando vejo, estou atolada de informações, e muitas nem sempre são tão importantes assim para o que eu preciso. (Patrícia Bueno, 12/06/2009)

Nota-se, neste caso, que essa preocupação com a aquisição de informações para obter a qualidade na matéria redigida causa uma sobrecarga. Foram relatadas, ainda, além do estresse, questões como falta de concentração, ansiedade e falhas de memória, características psíquicas da informatose. “Muitas vezes tenho dificuldade em dormir e em me desligar do

⁶ Em entrevista concedida à pesquisadora em 12.06.09.

trabalho. Chego a levar trabalho para fazer em casa, apenas pensando em agilizar a edição do dia seguinte”, observa Patrícia.

O jornal impresso é estático e os meios informativos online, atualizam-se a cada momento. E a função do comunicador é identificar, filtrar e comunicar o que é útil ao receptor, já que hoje temos uma explosão de dados e o que “diferencia uma pessoa da outra é a capacidade de entender os dados e transformá-los em informação útil”, (BRUM, 2007).

Quanto a esse assunto, Pereira (2003-2004) lembra que,

(...) mensagem é tudo aquilo que é recortado, organizado, por um dado sistema dentro de um conjunto amplo de informações disponíveis. O recorte, o arranjo em questão, deve ser entendido como a aplicação de uma ordem, de uma organização, de uma gramática, que capta e dispõe as informações, produzindo mensagens. E uma vez que se tenha uma mensagem, é sobre ela que o sistema irá atuar, buscando produzir significações.

Pereira endossa que “através da produção contínua da tecnologia, o sistema humano supera-se, transformando-se, ao mesmo tempo em que transforma o seu meio, em um movimento contínuo de afetação mútua”.

Considerações finais

Os profissionais da comunicação que atuam em redações de jornais impressos têm desafios frente ao crescimento da utilização do ciberespaço. É possível identificar uma sobrecarga no fato de buscarem sempre se manterem informados para informar melhor e com isso, concorrer com meios comunicacionais online, por exemplo, em uma época onde a informação envelhece rápido demais.

Mas como lidar com esse excesso de informação que, grande parte, vem desta mesma Rede? A produção de notícias tem como matéria-prima a informação precisa e relevante. Pressões no corre-corre para vencer o tempo causam um tipo de sobrecarga de diversas maneiras no profissional, que vem a somar com o estresse cotidiano das redações de um jornal. É preciso saber filtrar o que é relevante durante a pesquisa para o fazer jornalístico. Mas como realizar tal feito levando em consideração a gama de opções disponíveis para a pesquisa na Internet? E como isso reflete no trabalho final do jornalista?

O assunto, ainda em processo de pesquisa, rende muitos outros questionamentos como a transformação do conteúdo informacional adquirido pela Internet em matérias. Como são aproveitados esses textos? O que muda quando são transformados? Isso reflete na veracidade

das informações? Como os funcionários do Monitor Campista lidam com essa questão num tempo onde muitos não vêem futuro para o jornal impresso?

Essas são questões pertinentes a serem investigadas e respondidas em outros momentos, pois o tema não se esgota neste trabalho que teve como objetivo apresentar uma leitura inicial sobre a questão. O assunto é pertinente a muitas outras abordagens e divagações.

Referências bibliográficas

BRUM, Larissa Cristina Cruz Brum, Rosiane Lúcia Ribeiro e Carlos Henrique Medeiros de Souza. O Limiar do Indivíduo no Ciberespaço e a Normose Informacional. Artigo apresentado no Intercom em 2007.

CASTELS, Manuel. A Sociedade em Rede. A Era da Informática: Economia, Sociedade e Cultura. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Vida, 1999.

_____ A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade....

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo. Editora 34, 1996.

_____ As Tecnologias da Inteligência – Inteligência-O Futuro do Pensamento na Era da Informática. São Paulo. Editora 34, 1997.

_____ O que é o virtual?. São Paulo. Editora 34, 1996.

MCLUHAN, Marshall. Understanding Media: the extensions of Man. New York: McGraw-Hill Book Company, 1964.

MORAES, Dênis (org). Sociedade Midiatizada. Editora Mauad. Rio de Janeiro, 2006.

KUCINSKI, Benardo. Jornalismo na Era Virtual. Ensaio sobre o colapso da razão ética. Editora Unesp. São Paulo, 2005.

PEREIRA, Vinícius Andrade. As tecnologias e comunicação como gramáticas: meio, conteúdo e mensagem na obra de Marshall McLuhan. Artigo que reflete idéias aprofundadas dentro da pesquisa “A contribuição de Marshall McLuhan na compreensão mediada por computador, desenvolvida na ESPM-SP, no período de agosto de 2003 a julho de 2004.

PORTELLA, Eduardo. Teoria da Comunicação literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

SABER, Marina Medina. Efeitos da sobrecarga da Informação no cotidiano de jornalistas em Campo Grande – MS. Dissertação apresentada para a titulação de mestre em Ciência da Informação em Brasília, 2006.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros e Maria Lúcia Moreira Gomes. Educação e Ciberespaço. Brasília. Editora Usina de Letras, 2009.

SOUZA, C.H.M. Comunicação, Educação e Novas Tecnologias. Campos dos Goyatazes, Ed. FAFIC-Grafimax, 2003.

WEIL, Pierre. A normose informacional. Ciência da Informação. V29, n.2. Brasília. Maio-agosto, 2000.